

OLIVER SACKS

O OLHAR DA MENTE

Tradução:
LAURA TEIXEIRA MOTTA



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Oliver Sacks
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original:
The mind's eye

Capa:
*Helio de Almeida sobre ilustração
de Zaven Paré*

Preparação:
Carlos Alberto Bárbaro

Índice remissivo:
Luciano Marchiori

Revisão:
*Marise Leal
Veridiana Maenaka*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Sacks, Oliver
O olhar da mente / Oliver Sacks ; tradução Laura Teixeira
Motta. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: The mind's eye.
Bibliografia.
ISBN 978-85-359-1769-7

1. Distúrbios da cognição - Obras populares 2. Distúrbios
da comunicação - Obras populares 3. Percepção - Obras popu-
lares 4. Percepção facial - Obras populares 1. Título.

10-10765

CDD-616.8
NLM-WL 141

Índice para catálogo sistemático:
1. Clínica neurológica : Medicina 616.8

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

Prefácio	9
Leitura à primeira vista	15
Chamada de volta à vida	39
Um homem de letras	56
Cegueira para rostos	79
Stereo Sue	103
Persistência da visão: um diário	131
O olhar da mente	179
Referências bibliográficas	211
Índice remissivo	221

LEITURA À PRIMEIRA VISTA

Em janeiro de 1999 recebi a seguinte carta:

Caro dr. Sacks,

Meu problema (muito incomum), em uma frase e em termos leigos, é: não consigo ler. Não consigo ler música nem qualquer outra coisa. No consultório do oftalmologista, posso ler individualmente todas as letras da tabela optométrica até a última linha. Mas não sou capaz de ler palavras, e para ler música tenho o mesmo problema. Venho lutando com isso há anos, procurei os melhores médicos e nenhum foi capaz de ajudar. Eu ficaria imensamente feliz e grata se o senhor pudesse marcar-me uma consulta.

Atenciosamente,

Lilian Kallir

Telefonei à sra. Kallir — pareceu-me mais acertado, embora normalmente eu responda por escrito — porque mesmo aparentemente sem ter dificuldade para escrever uma carta, ela afirmou ser incapaz de ler. Falei com ela, e marcamos uma consulta na clínica neurológica onde eu trabalhava.

A sra. Kallir veio logo depois à clínica. Era uma senhora de 67 anos, culta e vivaz, com forte sotaque de Praga. Contou-me sua história com muito mais detalhes. Era pianista, disse; de fato, eu a conhecia de nome, como brilhante intérprete de Chopin e Mozart (fizera sua primeira apresentação em público aos quatro anos, e o célebre pianista Gary Graffman elogiou-a dizendo ser ela “uma das pessoas mais naturalmente musicais que já conheci”).

O primeiro indício de que havia algo errado, ela contou, surgira em 1991, durante uma apresentação. Ela estava tocando

concertos para piano de Mozart e houve uma mudança de última hora no programa, do Concerto nº 19 para o nº 21. Mas quando abriu a partitura do Concerto nº 21, ficou atônita: achou-o ininteligível. Ela via as pautas, as linhas e as notas individualmente com perfeita clareza e nitidez, mas nada daquilo parecia combinar, fazer sentido junto. Supôs que o problema estivesse relacionado aos seus olhos. Mesmo assim, foi em frente, executou de memória o concerto com perfeição e descartou o estranho incidente pensando “são coisas da vida”.

Vários meses depois o problema tornou a acontecer, e sua capacidade para ler partituras tornou-se instável. Quando estava cansada ou doente quase não conseguia ler coisa alguma, mas se estivesse descansada sua leitura à primeira vista era rápida e fácil como sempre fora. De modo geral, porém, o problema se agravou, e embora ela continuasse a lecionar, a gravar e a se apresentar no mundo todo, passou a depender cada vez mais de sua memória musical e de seu vasto repertório, pois agora se via impossibilitada de aprender novas músicas em partituras. “Eu tinha uma fantástica leitura à primeira vista”, ela disse, “podia facilmente tocar à primeira vista um concerto de Mozart, e agora não sou mais capaz”.

Ocasionalmente, Lilian (como ela me pediu que a chamasse) sofria lapsos de memória em concertos, mas, sendo exímia improvisadora, em geral conseguia suprir a deficiência. Quando estava à vontade, entre amigos ou alunos, sua execução parecia boa como sempre. E assim, por inércia, medo ou uma espécie de adaptação, era possível para ela desconsiderar seus singulares problemas com a leitura de música, pois não tinha outros problemas visuais e sua memória e engenhosidade ainda lhe permitiam uma vida musical plena.

Em 1994, mais ou menos três anos depois de ter notado pela primeira vez suas dificuldades com a leitura de música, Lilian começou a ter problemas para ler palavras. Também neste caso havia dias bons e ruins, inclusive ocasiões em que sua capacidade de ler mudava de um momento ao outro: uma sentença parecia estranha, ininteligível a princípio, e então subitamente parecia normal e Lilian não tinha dificuldade para lê-la. Sua capacidade

para escrever, no entanto, estava inalterada, e ela continuava a manter uma copiosa correspondência com ex-alunos e colegas do mundo todo, embora cada vez mais dependesse do marido para ler as cartas que lhe mandavam e até para reler as que ela própria havia escrito.

A alexia pura, desacompanhada de dificuldade para escrever (“alexia sem agrafia”) não é extremamente incomum, embora em geral surja de modo súbito, depois de um derrame ou outra lesão no cérebro. É mais raro um desenvolvimento gradual da alexia em consequência de uma doença degenerativa como o Alzheimer. Mas Lilian era a primeira pessoa que eu via cuja alexia se manifestara primeiro com a notação musical: uma alexia musical.

Em 1995 Lilian estava começando a apresentar outros problemas visuais. Notou que tendia a “deixar de perceber” objetos à sua direita, e depois de alguns incidentes sem gravidade, decidiu parar de dirigir.

Algumas vezes ela se perguntara se o seu curioso problema de leitura não teria causas neurológicas em vez de oftalmológicas. Matutava: “Como é que consigo reconhecer as letras individualmente, até aquelas minúsculas da última linha da tabela do oftalmologista, mas não sou capaz de ler?”. Em 1996 ela começou a cometer ocasionalmente erros embaraçosos, como não reconhecer velhos amigos, e se lembrou de um dos meus relatos de caso que havia lido anos antes, intitulado “O homem que confundiu sua mulher com um chapéu”, sobre um homem que conseguia ver tudo claramente nas não reconhecia nada. Achara certa graça da primeira vez que lera o ensaio, mas agora lhe ocorria a possibilidade de suas próprias dificuldades serem misteriosamente semelhantes.

Por fim, cinco anos ou mais depois dos primeiros sintomas, ela foi encaminhada ao departamento de neurologia de uma universidade para um exame completo. Aplicaram-lhe uma bateria de testes neuropsicológicos — de percepção visual, memória, fluência verbal etc. — e ela se saiu particularmente mal no reconhecimento de desenhos: chamou um violino de banjo, uma luva de estátua, uma navalha de caneta e um alicate de banana. (Quando lhe pediram que redigisse uma frase, ela escreveu “Isto é ridí-